



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

GROUNDING E VINCULO: ENRAIZAMENTO NO CORPO E NA VIDA

Ana Patrícia Peixoto

RESUMO

Este artigo trata de uma leitura sobre como estamos enraizados e vinculados ao nosso corpo e a vida partindo do conceito de grounding desenvolvido por Alexander Lowen num dialogo com a Biossistêmica, aliado aos estudos dos aspectos afetivos oriundos do vínculo mãe-bebê e seu reflexo nas relações interpessoais no curso da vida. Partindo das bases orgânicas do grounding, que se estabelece nas vivências relacionais primitivas é apresentado como nossa história se revela pela memória psicocorporal. Em cada etapa do desenvolvimento pessoal e social se formam atitudes, gestos e movimentos típicos que desvela o vivido. Estes lugares contem padrões de ação que falam de como cada um foi acolhido e recebido no mundo. Neste artigo o foco do estudo é para os aspectos da relação primitiva mãe-bebê; o equilíbrio e alinhamento do corpo e de como somos afetados pelo ambiente que nos rodeia; como respondemos a ele através do nosso sistema interior: perceptivo, cognitivo, emotivo, relacional e social.

Palavras-chave: Biossistêmica. Enraizamento-grounding. Psicocorporalidade.

Vínculo.



De onde vêm nossas raízes?

Convido você leitor a lançar um olhar sobre a ideia de “protoconstrução do grounding e vínculo” na vida pré-natal como parte essencial na nossa experiência de equilíbrio, base e enraizamento físico e emocional que irá desenrolar-se nas etapas da vida, acompanhando o amadurecimento psicobiomotor, social e emocional da nossa jornada humana.

O tipo de experiência nesse período inicial e nos primeiros anos após o nascimento irá interferir na organização do grounding, e como é feito este enraizamento vincular irá refletir na forma como uma pessoa age e reage ao seu mundo interno e externo, na forma de se relacionar afetiva e socialmente:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

com proximidade ou distância; com segurança ou desconfiança; com doçura ou frieza; com força ou suavidade; com desejo ou apatia; com amor ou ódio...

A vida emocional não começa no momento do nascimento, existe desde a concepção. Durante os nove meses de vida uterina ocorre uma infinidade de transformações, de experiências que formarão e guiarão o movimento do organismo em seu processo evolutivo de embrião a feto, de feto a bebê, de bebê a criança, de criança a adulto. Estas experiências ficam armazenadas em nossa memória celular, isto é, estão codificadas em nosso corpo através de forma de pensar, do movimento, dos gestos, das posturas e atitudes, o que Reich nomeou de CARÁTER.

Para falar de enraizamento não se pode deixar de citar o início de nossa jornada psicobiológica como a viagem lenta do óvulo para chegar ao útero procurando um lugar para firmar-se. O útero se está preparado para recebê-lo permite o acoplamento na parede uterina, como uma semente que encontra um solo fértil. Nesse momento temos a primeira experiência de implantação, o que Raquel W. chama do 1º ato de fé na vida, a 1ª experiência de adoção.

Neste período uterino o embrião passa a feto, e o feto em constante transformação e desenvolvimento vai se preparando para iniciar a primeira jornada de separação – O NASCIMENTO. Para nascer o bebê precisa da coluna, pés e coroa (movimento cefalo-caudal). Podemos pensar que neste momento se coloca pela primeira vez em prática o movimento ascendente em direção ao novo, ao desconhecido onde o bebê para encontrar a força e firmeza necessária ao movimento precisa de um útero que ofereça em sua parede um tônus muscular necessário à proto-experiência biológica e psicológica de uma base segura, importante para que ocorra o movimento de contração e expansão que permite o lançar-se para o novo. Este movimento pode ser visto como função orgânica básica que determina o sucesso ou fracasso em firma-se na terra, na vida, experiência esta que permeará a vida pós-natal.

Keleman ao falar desta relação nos traz que a interação pais-filhos é uma interação bioquímica, e também social, linguística e emocional que nos colocará no chão. Quando o solo é pobre teremos um enraizamento duro ou



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

pobre/inseguro; se ao contrário o solo for fértil teremos um enraizamento flexível ou rico/seguro.

Na literatura Bioenergética o grounding está relacionado a um bom contato com a realidade externa, com o equilíbrio psicofísico, com contato com o mundo interno. É a vida do seu corpo (energética, emocional, espiritual e mental). Em termos biológicos é pensar no sistema muscular-ósseo, coluna vertebral, sistema de movimento e ação; um Ego motor que coordena os movimentos transformando-os em fluxos de sentimentos por meio de expressões e gestos que buscam proximidade ou distancia com o mundo exterior, com o outro.

Todos nossos sentimentos são percepções corporais, e ninguém pode sentir o ambiente senão pelo efeito com o corpo. O quanto e quão profundamente sentimos é função de nossa autoconsciência. Consciência de si mesmo significa consciência do corpo, está em contato com o corpo e sentir o que se passa em todas as partes do corpo. A medida que uma pessoa está consciente de si mesma ela pode estar consciente dos demais, e só na medida em que se sente a si mesma como uma pessoa, ela pode sentir o outro como pessoa.

A separação da nossa base biológica produz medo, raiva, angústia e até a morte; e quando estamos assustados por estar excitados, nos cobrimos de uma rigidez muscular que nos dá uma ilusão de força.

“Somos uma cadeia de eventos, todo um sistema ecológico com muitos ambientes vitais, desde lagunas pulsantes e arcaicos oceanos bioquímicos até os altamente complexos sistemas de ação cérebro-órgãos. Estamos continuamente em movimento, continuamente em formação, reorganizando a nós mesmo e aquilo que nos cerca. Vivendo a partir de nosso próprio processo, nos comprometemos com a evolução do vivo, com a formação do Self, da cultura, do planeta. Podemos nos formar a nós próprios ao invés de viver a partir de imagens inadequadas.” (Keleman, 1996,.)

Para Lowen (2007) não está ligado de maneira sensível ao próprio corpo é viver como um espírito desconectado, sem qualquer sensação de pertencer a algo ou alguém. Já quando estamos conectados com o corpo nos sentimos pertencer a um lugar e estamos conectados com a vida. Lowen (2007,p.173) reforça essa premissa ao falar: “ Os movimentos graciosos são



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

uma característica básica do indivíduo conectado ao corpo e a terra... A falta de graciosidade aponta para um indivíduo estranho a seu universo;..., ele é inseguro e inflexível”

É pelo e através do corpo que assimilamos, armazenamos e digerimos a experiência que se torna conhecimento. Quando a aprendizagem é construída partindo da experiência cotidiana, ela é a mais forte e poderosa construção do saber, pois o corpo ao experimentar o vivido no processo educacional¹ ele se transforma e se apropria da consciência e coloca a "roda da vida" em movimento.

Quando estas experiências criam tensões devido a alguma emoção que não pode ser descarregada é uma tensão para os músculos. Estas tensões inibem, bloqueiam os movimentos afastando-os da nossa consciência, pois o que não se move desaparece da percepção. Movimento é vida e a vida do indivíduo é a vida do seu corpo, nos afirma Lowen.

Quando há tensões musculares crônicas tem-se a perda da consciência de si mesmo. As tensões formam uma espasticidade muscular que é inconsciente e persistente passando a ser parte da estrutura psicocorporal - maneira de ser e mover-se de uma pessoa no mundo. A isso Reich denominou de *couraça de caráter* e *couraça muscular*, representando a maneira cronificada, enrijecida de uma pessoa responder a situações diversas com o mesmo padrão de pensamento-ação (comportamento repetitivo). Este modo de se colocar na vida vai provocando espasmo muscular pela manutenção da tensão que tem como objetivo segurar a emoção impedida de ser liberada e de vir a consciência.

Lowen diz que nosso corpo fala claramente de nossos conflitos emocionais, desconectados do discurso, o que torna possível compreender uma pessoa e seus problemas emocionais em termos da dinâmica energética de seu corpo. Para Lowen as limitações, restrições decorrentes das tensões musculares e dos mecanismos psíquicos da repressão não ocorrem voluntariamente e sim como mecanismo de sobrevivência no meio

¹ O termo *Processo Educacional*, aqui empregado, inclui a experiência emocional com as principais figuras de vinculação como parte essencial do processo maturacional do sujeito.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

familiar e cultural que nega os valores do corpo em favor do poder, do prestígio e de bens materiais. Que o autor coloca como aspecto endêmico em uma cultura que denigre o corpo em favor da mente.

A isso ele afirma:

“O fluxo de excitação no corpo da maioria das pessoas passou a ser restrito e bloqueado por severas contrações musculares crônicas. Essas tensões servem ao propósito de eliminar e limitar as sensações. Ninguém limite ou restringe a própria vida a menos que seja imperativo para sua sobrevivência” (Lowen, 2007, p. 176)

As primeiras experiências interpessoais acontecem através do diálogo tônico; o que nos permite afirmar que a interação corpo a corpo é uma das formas mais poderosas de aprender novos padrões de comportamento, de experimentar espaços e ritmos numa dança entre o EU e o OUTRO.

A importância do contato para o ser humano remonta a vida pré-natal onde ocorre o primeiro registro de acolhimento positivo ou negativo no ventre materno como primeira matriz embriológica da ligação afetiva mãe-feto, seu diálogo tônico. Este diálogo se estende na vida pós-natal e é essencial nos momentos de nutrição e repouso (Comer e dormir). A alimentação e o sono constituem um momento fundamental do processo de desenvolvimento psicofísico da criança. Adormecer no colo é receber nutrição pelo contato e proximidade do corpo da mãe, através da sua respiração, da sua voz. Este diálogo entre a mãe e o bebê vai criando vínculos afetivos que o enraíza na vida. A partir dessas e de tantas outras experiências vividas ao longo dessa jornada, maravilhosa, que é a vida é que se constroem a memória (celular, imunológica, endócrina, autobiográfica...), pelo registro corporal– linguagem biológica, não verbal.

Como as primeiras experiências nos corporifica e nos conecta com o ambiente?

O diálogo Tônico, é uma proto-comunicação da sensação básica de segurança que irá nos acompanhar pelo resto da vida interferindo na forma



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

como nos posicionamos no mundo em relação às situações que indicam perigo (neurocepção²), e possibilitando uma clara percepção do ambiente como seguro ou não. Esse dialogo corpo a corpo acontece no contato do braço da mãe sob a coluna do bebê, na qualidade do olhar entre mãe e bebê, no toque da mão sobre o corpo que oferece o acolhimento que o bebê necessita (toque que ‘escuta’ a necessidade) e no ritmo e tonicidade da voz que permite a modulação dos estados afetivos internos e externos numa dança entre cuidador e cuidado.

O contato direto com o corpo da mãe nos primeiros momentos da vida pós-natal - o abraçar - é de suma importância na construção dos limites psicofísicos, dá contorno entre o interno e o externo e favorece o senso básico de segurança.

O ato de carregar, ninar, acariciar, acolher e massagear os corpos de nossos bebês é alimentá-los amorosamente. Isto é tão indispensável como lhes dar vitaminas e sais minerais criando um campo de ressonância com a vida através da memória corporal. Oliver e Verenda (Apud VALE & NÓBREGA, 2008.) nos falam que tudo é memória. “O ser vivo sente e guarda, o organismo não esquece nada... Nosso corpo não esquece nada que tenha experimentado... Os primórdios do princípio da vida estão inseridos no corpo. Tratar-se de uma consciência não consciente. O corpo se lembra, mas não pode simbolizar... O corpo armazena sensorialmente tudo o que foi experimentado desde o estado celular. Isto quer dizer que o Ser Humano não inventa nada que não tenha experimentado”.

O enraizamento e acolhimento na vida através do contato pele a pele auxilia o mecanismo muscular da respiração: “Esse é um contato envolvente e cheio de vigor; e a estimulação sensorial da pele e da musculatura produz efeito imediato e vivificante”, que cria o sentimento interior de bem estar e aceitação essencial na construção da saúde biopsicoafetiva.

² Neurocepção: . um conceito novo impregado por Stephen Porges para se referir a capacidade subconsciente do sistema nervoso de reagir de determinada forma, quando um indivíduo identifica um ambiente como seguro, e, de outra forma, quando o identifica como ameaçador.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

“Uma criança, na sua relação bioquímica e emocional com os pais, encontra o seu chão crescendo nele, aprendendo a ficar de pé e a se mover com os pés no chão” (Keleman, 1996,p.24)

A palavra e o toque expresso numa atitude afetiva/amorosa é a força que religa os sentidos para uma vida plena, ao criar novas e agradáveis experiências que ‘desliga’ o antigo sistema e favorece um desenvolvimento de um novo sistema biopsicosocial orientado para a vida com possibilidade de expansão e crescimento.

A existência de um ambiente humano afetivo e seguro desde o primeiro momento pós-natal é de suma importância para garantir o desenvolvimento psíquico-afetivo saudável do ser humano o que torna as primeiras experiências interpessoais fundamentais para a formação do grounding e de vínculos sociais futuros.

Para Porges está na biologia a necessidade do ser humano de se relacionar. Os seres vivos sejam animais ou vegetais trazem em seu sistema biológico essa possibilidade de estabelecer relações, portanto as relações interpessoais não estão sujeitas apenas aos processos educacionais ou sociais, mas também é resultado das variadas e infinitas configurações biológicas e neurológicas.

Jerome Liss traz a ideia da família no espaço interno, isto é a nossa experiência com uma outra pessoa cria um traço de memória dentro de nós, seja consciente ou inconsciente. Que pessoas internalizamos? As principais figuras de nossas vidas: pai, mãe, irmã, irmão, avô, avó... Estas internalizações criam certo impacto em algum nível em nossa personalidade. Por exemplo: na relação eu-outro; identidade, auto-estima, confiança ou desconfiança no outro, liberdade de expressão, etc

Segundo Campos (Apud VALE & NÓBREGA , 2008) fundamental para a sobrevivência de um ser é a existência do semelhante, é a presença do outro. Uma das primeiras percepções da criança são o cheiro, o som, o tato e o rosto materno ou da substituta e, a partir dessas percepções, vão-se estruturando os valores e a personalidade, possibilitando o desenvolvimento adequado e sadio desse ser



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

Para que um bebê se desenvolva e cresça saudavelmente é preciso não só cuidar deles, mas também cuidar da família, pois é no seio da comunidade familiar que se organiza as primeiras experiências relacionais e ao vivê-las aprendemos com elas e passamos a reproduzi-las pela imitação/espelhamento (neurônios espelhos) ou nos contrapomos em ação que se torna repetitivamente compulsiva (neuroses).

Kignel (2005) é outro autor que aborda esta questão do encontro referindo-se a fluxos de energias do bebê e seus pais, o que é chamado em psicoterapia corporal de *ressonância*, uma comunicação não verbal. O autor ainda afirma que os diálogos ou padrões de respiração são funções do vínculo social capaz ou não de criar contato, assim respirar significa construir conexões, comunicar, atravessar pontes; e que as relações que funcionam a partir de experiências ressonantes marcam territórios, educam, ensinam, treinam e criam uma relação que dinamiza a comunicação, deixando uma imagem que marca o sentido, o encontro, muito mais que palavras perdidas sem conexão com o organismo, simples atributo (KIGNEL, 2005, p.105-106).

“...a sintonia de afeto é o ritmo ressonante entre uma pessoa e outra, que envolve “espelhar” e “ecoar”, criando um vínculo num nível do relacionamento subjetivo que é diferente da empatia, pois a sintonia ocorre fora da consciência e quase automaticamente [...] Esses dois conceitos juntos formam a “sintonia de afeto”, em que os dois compartilham o processo inicial de “ressonância emocional”... (DANIEL STERN APUD KIGNEL, 2005, p.108,118).

Winnicott (2006) ressalta a importância do cuidar ao falar do estado de dedicação materno, desse cuidado essencial que constitui a mais simples de todas as experiências, principalmente a que se baseia no simples contato da mãe com o filho que, sem nenhuma atividade, cria as condições mais adequadas para que se manifeste em ambos, o sentimento de unidade, proporcionando ao bebê a oportunidade de ser e sentir-se real, desenvolvendo a capacidade de enfrentar o mundo e amadurecer adequadamente.

Segundo Leonardo Boff (2004), desde o nascimento até a morte o homem precisa de cuidado para existir enquanto ser, pois sem o cuidado o ser



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

deixa de ser humano, desestrutura-se, define e morre. E se, ao longo da sua existência não fizer com cuidado tudo o que propuser a fazer, terminará por prejudicar-se a si mesmo, a outrem e o que estiver a sua volta. Portanto, é o cuidado a base possibilitadora da existência humana enquanto humana. Portanto, o cuidado surge quando a existência de alguém tem importância para outro alguém que, diante deste, passa a dedicar-se, dispor-se e a participar de sua vida.

A questão “porque eu vivo” implica outras duas questões profundamente imbricadas, “para quem eu vivo” e “o que posso fazer por ti”. Fazer algo pelo outro implica, por sua vez, em amar e permitir-se descobrir quem realmente é. O autor ressalta que, “há lugares em nós mesmos que não existem enquanto o amor não tiver penetrado”, só sendo possível descobrir a própria identidade através da capacidade de se relacionar (LELOUP APUD VALE & NÓBREGA, 2008).

Portanto, ser enraizado é estar no corpo, plantado no mundo, ter um chão e um lugar para se nutrir e nossa relação com a terra, com o mundo e com o outro; e ser corporificado é criar um corpo vivo capaz de canalizar o fluxo de excitação de nós para o ambiente e do ambiente para nós, este fluxo nos alimenta e intensifica nossa capacidade de conexão, de estabelecer relações (afetivas, sociais), iguala os seres na condição de organismos individuais que passam a existir em algum lugar, sendo esse existir a própria capacidade de se relacionar, transformada em possibilidade a partir dos encontros estabelecidos. Sem o existir no mundo, sem a existência do outro, não há possibilidade de relacionamento, o ser morre, desaparece.

.....

REFERÊNCIAS

- BOADELLA, D & LISS, J. **La psicoterapia del corpo: Le nueve frontiere tra corpo e mente.** Roma: Astrolabio, 1986
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2004
- BUSNEL, M. C.; SOUSSUME, Y.; CUNHA, I. **Relação mãe-feto: visão atual das neurociências.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

10
PEIXOTO, Ana Patrícia. Grounding e vínculo: enraizamento no corpo e na vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

KELEMAN, Stanley. **Amor e vínculos: uma visão somático-emocional**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **O corpo diz sua mente**. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1996.

KIGNEL, R. **O corpo no limite da comunicação**. São Paulo: Summus, 2005.

LISS, JEROME & STUPIGGIA, Maurizio. **A terapia bioessintêmica**. São Paulo: Summus, 1997.

LOWEN, A. **Uma vida para o corpo: Autobiografia de Alexander Lowen**. São Paulo: Summus, 2007.

NÓBREGA, Cândida M^a F da, e VALE, Andréa. **A massagem como arte do cuidar: um caminho para o encontro afetivo reparador**. Monografia (curso de psicologia) – Universidade Potiguar, Natal, 2008.

SACHARNY, Silvana. **Relação Mãe-Bebê**. Disponível em: <http://www.cebrafapo.com.br/artigo-relacao-mae.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008.

STERN, Daniel N. **O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

.....

AUTORA

Ana Patrícia de Sá Leitão Peixoto / Naatal / RN / Brasil – CRP 17/0092, Diretora do IPS-Natal/RN; coord. local da formação intern. em Psicoterapia Bioessintêmica. Psicóloga, psicoterapeuta neo-reichiana: formação Análise Bioenergética (IIBA-Nova York-EUA), *Bioessintese* (CBI-Hiden-Suíça), Bioessintêmica-concluindo (SISPB– Bologna – Itália); Supervisora. Coordena workshop clínico e educacional. <https://www.facebook.com/pages/IPS-Instituto-de-Psicologia-Somática>
E.mail: anapatricia@ipsk.net